

Supervisão nos estágios em tempos de pandemia - um relato de experiência

Priscila Fontes Barreto

01

Me chamo Priscila Fontes Barreto, sou graduada em Pedagogia e em Letras Língua Portuguesa e Libras, com pós-graduação em Libras e em Proficiência para Tradutor e Intérprete de Libras. Atualmente sou servidora efetiva no Estado do Rio Grande do Norte na função de professora Tradutora-Intérprete de Libras na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira na 3ª série do ensino médio na turma “A”.

O ano de 2020 foi um ano atípico. Iniciamos o ano letivo no mês de fevereiro com aulas presenciais, assim como todos os anos anteriores. No mês de março nos deparamos com uma pandemia provocada por um vírus altamente contagioso, que logo se disseminou. No dia 17 de março desse mesmo ano, as escolas suspenderam as aulas presenciais, seguindo o decreto publicado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, sem previsão do que viria à frente. Os alunos e professores ficaram em casa aguardando uma posição da Secretaria de Educação.

No mês de maio de 2020, a Secretaria de Educação do Estado manteve contato com as escolas e autorizou os professores a iniciarem o ensino remoto. Essa modalidade exige acima de tudo muita disciplina por parte dos alunos e professores, sendo preciso regrar nosso horário de trabalho em nossas casas. Os decretos, cada vez mais restritivos, diminuía a esperança de um retorno ao ensino presencial nas escolas.

Inicia então a saga dos professores nessa nova modalidade de ensino, muitos não tinham domínio do uso das tecnologias e nem mesmo aparato tecnológico em suas residências para ministrar as aulas. Foi então, que a Secretaria

de Educação iniciou um projeto com cursos a distância sobre o funcionamento de aplicativos que poderiam ser usados pelos professores, como ferramenta para as aulas síncronas e assíncronas e com a inserção de materiais didáticos como: vídeos, textos e atividades.

Ainda no mês de maio, apenas alguns professores iniciaram o ensino na modalidade remota. A Secretaria de Educação permitiu esse início de forma facultativa. Porém, os professores que tinham problemas para ministrar as aulas, nessa modalidade e não se sentiram confortáveis com a situação, preferiram aguardar novas orientações da Secretaria, uma vez que o decreto explicitava que caso a escola não iniciasse as aulas remotas naquele momento, poderia ressarcir-las de quando houvesse o retorno das atividades presenciais.

A escola imediatamente buscou informações sobre os seus alunos, elaborando um questionário no *Google Forms*, visando a obtenção de dados relativos ao acesso dos alunos aos meios tecnológicos, (*smartphone, tablet, notebook, computador*), e se possuíam acesso à internet (*Wi-Fi, dados móveis*). Com essa pesquisa, pudemos entender um pouco do cenário que nossos alunos estavam inseridos e organizar estratégias que viabilizassem esse ensino remoto de qualidade e equidade. Não foi fácil fazer com que o link do *Google Forms* chegasse aos alunos. Foi um trabalho conjunto com os alunos líderes de turma, alguns não eram participantes no grupo de *WhatsApp* da sala. A Secretaria da escola teve que se mobilizar e buscar os números de telefones no sistema (SIGEDUC) onde foram feitas as matrículas, tudo de forma remota.

A coordenação da escola, com os resultados da pesquisa, iniciou suas estratégias, criando grupos pela rede social do *Facebook* para cada série e seu turno, pois, os alunos tinham acesso mais ao *Facebook* e *WhatsApp* do que ao sistema (SIGEDUC) adotado pelo Governo do Estado. Haviam, também, problemas de acesso ao sistema como: falha no *login*, muitos perderam a senha ou, até mesmo, não tinham realizado o cadastro. No início apenas 50% dos professores aderiram ao ensino remoto, relatando a falta de formação na área tecnológica que inviabilizaria esse início. Também houve a falta de equipamentos que comportassem os aplicativos a serem utilizados.

De certa forma, a escola viabilizou estratégias para o ensino de forma remota, não deixando os alunos sem os conteúdos necessários para sua formação, seja ela de forma síncrona (encontros virtuais pelo *Google Meet* entre alunos e professores) ou assíncrona (materiais postados no *Google Sala de Aula/ Google Classroom* e no *Facebook*). Para os alunos que não tinham acesso à internet, foi proposto o material impresso. Os alunos ou responsáveis iam à escola pegar os materiais. Com o tempo estipulado pelo professor, retornavam esses materiais à escola, para a correção das atividades propostas. Assim era realizada a pontuação e a participação através da realização das atividades.

Diante toda a situação vivenciada no início da pandemia, a estrutura psicológica se mostrou afetada, pelo medo do desconhecido vírus SARS-CoV-2 que causa a doença do coronavírus, a COVID-19. Os alunos e professores foram vencendo as barreiras físicas, cognitivas

e psicológicas surgidas no cenário pandêmico.

A escola no ano de 2020 possuía alunos surdos nos três turnos, sendo seis alunos no matutino, um no vespertino e um no noturno, totalizando oito alunos surdos. Os professores intérpretes de Libras e a Professora de Libras da escola, de início ficaram no apoio aos professores regentes de disciplinas, priorizando o acesso às informações em Libras para os estudantes surdos. Conforme o professor postava os materiais na plataforma, fazíamos as traduções e auxiliávamos nas resoluções das atividades propostas de forma sinalizada em língua de sinais.

Constatamos que os alunos surdos estavam com muita dificuldade em realizar as atividades propostas pelos professores, pois, os surdos tinham um déficit de aprendizagem dos conteúdos didáticos em relação aos alunos ouvintes. Esse déficit se dá por vários fatores: a aquisição tardia da língua, a falta de letramento, domínio de conceitos, ausência de intérprete de Libras nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Sabemos que o governo até o ano de 2018 não possuía Professor Tradutor/Intérprete de Libras efetivo, o serviço de interpretação era ofertado por meio de contrato e, devido a burocracia dentro da instância governamental, muitas vezes, esse contrato só tinha início no meio do ano letivo, causando vários transtornos aos alunos surdos.

A equipe de Libras solicitou uma reunião com a direção e coordenação para avaliar as estratégias utilizadas pelos professores regentes que não estavam de acordo com as estratégias para a educação de surdos. Ficou decidido então que, os alunos surdos ficariam sobre a

responsabilidade da equipe de libras para elaboração de material acessível para cada disciplina, criando um *Google* sala de aula específico, para os alunos surdos com o tema: conceitos base para o ensino médio. O objetivo era tentar diminuir esse déficit de conteúdos ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental.

Iniciamos com nosso planejamento semanal, dividimos as disciplinas entre as professoras por afinidade e formação na área. Começamos de forma assíncrona, pois, a maioria dos alunos apenas tinham o celular e internet de dados móveis para usar, não suportando aulas síncronas diariamente. Postávamos o material totalmente acessível em libras no *Google* Sala de Aula na segunda-feira, terça-feira, quarta-feira e na quinta era o plantão pedagógico de forma síncrona no tempo limite de uma hora destinado para tirar dúvidas do conteúdo postado como também das atividades propostas. Ao final, avaliamos os alunos pelas competências, habilidades desenvolvidas e a participação nas atividades. A nota era repassada para os professores regentes alimentarem o sistema.

A escola Anísio Teixeira é uma instituição de ensino bastante tradicional na cidade de Natal, que tem atuado na formação de professores, recebendo licenciandos para os estágios obrigatórios. Em 2013 ingressava na UFRN a primeira turma do curso de graduação em Letras Língua Portuguesa e Libras. O novo curso possuía o estágio obrigatório na área de Libras e os estudantes quando chegaram nessa etapa, procuraram a escola para realizar os estágios, por ser uma escola considerada polo bilíngue na cidade.

Desde então, todos os anos a escola re-

cebe projetos e estagiários do curso de Letras Língua Portuguesa e Libras. No ano letivo de 2020 não foi diferente, mesmo no período pandêmico de ensino remoto, recebemos dez estagiários para o Estágio Obrigatório I, que é o estágio de observação, orientados pela Professora Dra. Flávia Roldan Viana e supervisionados por mim. Não foi fácil a questão da comunicação dos alunos com a escola, pois, nesse período remoto, se tornou inviável que alguns alunos fossem à escola de forma presencial para pegar a assinatura do diretor, então resolvemos tudo eletronicamente. Como seria esse estágio de observação de forma remota?

Os alunos iniciaram enviando as entrevistas para o gestor, coordenador e supervisor de estágio na escola. Logo mais, marquei reunião remota pelo *Google Meet* com os estagiários para relatar e mostrar a escola: estrutura física, corpo docente, materiais que a escola possuía, contextualizar os estágios acerca da escola. Alguns dos estagiários já tinham sido antigos alunos da instituição, dessa forma, ficou mais fácil a percepção do espaço físico por já conhecerem o local, ajudando também os colegas a conhecerem um pouco sobre a escola. Mostramos como estávamos trabalhando no ano letivo de 2020 de forma remota, colocamos os estagiários em nossa sala de aula do *Google* Sala de Aula para que eles pudessem ter acesso aos materiais postados e conhecessem nossa estratégia de ensino.

Os estudantes ficaram surpresos com a nossa metodologia, pois, os alunos surdos tiveram avanços significativos em relação aos conteúdos didáticos. Convidamos os estagiários para participarem observando os plantões pe-



Foto por cottonbro/Pexels

dagógicos com os alunos surdos e perceberam a questão da participação positiva dos alunos sobre os conteúdos abordados. Mostramos nosso plano de aula anual e semanal, propiciando assim aos estagiários a experiência de visualizar um plano de aula voltado para educação de surdos. Após o período de observação, os estagiários colheram todas as informações necessárias para elaborar o relatório de estágio e entregar à professora orientadora.

O estágio supervisionado propicia aos acadêmicos essa aproximação entre teoria e prática. É uma experiência única ser supervisora de estágio, propiciar aos acadêmicos esse contato com a prática da sala de aula na educação de surdos, algo não tão valorizado no nosso país, mas, que futuramente serão eles os próximos a atuarem nesse contexto e mudar a realidade enfrentada pelo estudante surdo.